

## Uma conversa sobre o amor<sup>1</sup>

*Jacques-Alain Miller*

Foi um alívio ver que não havia nada sobre o quadro. Porque essa manhã, em outro lugar, ao entrar em uma pequena sala, encontrei as mesmas fórmulas, os mesmos matemas que eu havia introduzido há um ou dois meses em Paris. Produziu-me uma comoção... Somente me tranquilizei ao inteirar-me de que esses matemas estavam no quadro porque meu amigo Antonio Godino Cabas os havia escrito com referência ao meu curso. Poderia ter sido um caso de verdadeiro automatismo mental... Isso me indicou que não posso, de maneira alguma, repetir em Buenos Aires o que estou fazendo em Paris, porque já está aqui. Este é o êxito do Campo freudiano: há uma transmissão tão estreita entre nós que formamos, de fato, uma comunidade de trabalho, que já não temos mais a facilidade de pensar que estamos separados do ponto de vista "científico". Assim, parece-me necessário não repetir, mas continuar o mesmo trabalho. Não se pode dizer que as condições sejam as ideais, já que durante e depois do V Encontro aconteceram várias obrigações institucionais que não permitem pensar, articular suficientemente algo sobre psicanálise que, sem ser novo, seja pelo menos um pouco deslocado. Mas como meus matemas favoritos do momento já estão aqui, tratarei de dizer algo ainda não dito nem pensado antes por mim.

### **Um novo gozo**

Apesar do número de pessoas presentes, não será uma conferência, mas uma conversa. Simplesmente uma conversa que terá mais o estilo do meu seminário reduzido e não o do curso, para o qual vou tentar esquecer um pouco a multidão.

Assim, não tenho outro título para essa conversa do que o de "Uma conversa no Simpósio".

De que tema devemos falar em um Simpósio? Parece-me que não há tema mais adequado do que o amor, pelo menos no simpósio de Platão não se fala de outra coisa. Há uma sucessão de personagens que, um atrás do outro, vêm dizer o que é o amor. É o simpósio mais famoso de toda a história; e em segundo lugar, seguramente, o Simpósio do Campo freudiano. Porém faremos como se tratasse do mesmo e tentaremos desempenhar nosso papel não no simpósio platônico, mas no Simpósio freudiano. Parece-me que isso cai muito bem porque no domingo passado alguns "responsáveis" decidimos escolher como tema das II Jornadas do Campo freudiano na Argentina, que terão lugar no próximo ano, mais ou menos nessa mesma data, e nas quais vou voltar a ministrar um seminário: "Lógicas da vida amorosa".

Não é muito difícil introduzir o tema platônico no Campo freudiano - o próprio Lacan o fez -, visto que o amor propriamente freudiano é o que chamamos *transferência*. Palavra usual que parece técnica e permite colocar um véu sobre o amor freudiano. Como vocês sabem, Lacan referiu-se ao simpósio de Platão para desenvolver seu Seminário A *transferência*.

A partir de Lacan, repete-se facilmente que a psicanálise não inventou uma nova perversão. Escutei essa frase de Lacan que chamou a atenção repetida uma ou duas vezes, recentemente, em Buenos Aires. Porém parece-me que a noção de que a psicanálise não tenha inventado uma nova perversão assume um sentido diferente, um sentido de alguma forma deslocado, se percebemos que a psicanálise inventou sim um novo amor chamado *transferência*. Com o amor analítico, o amor freudiano, que é um novo tipo de amor, pode-se - uma vez mais com o binário - introduzir facilmente uma oposição entre amor e perversão. Por exemplo: há em cada um dos quatro discursos de Lacan um

amor que se modifica, que é o próprio motor da troca de discurso. E a partir de Lacan, o que chamamos de *vínculo social*, nada mais é do que a lição de Freud: o vínculo social é um vínculo erótico ou um vínculo amoroso, como ele ensina em "Psicologia das massas..."<sup>2</sup>. Precisemos a frase de Lacan dizendo que, se é verdade que a psicanálise não inventou uma nova perversão, talvez seja porque inventou um novo amor. O que Freud inventou foi um novo tipo de Outro ao qual dirigir o amor: um novo Outro que fornece novas respostas ao amor e, talvez, respostas mais adequadas do que aquelas que se encontram na vida cotidiana. Assim, às vezes os analisantes dizem: encontram no consultório analítico respostas tão adequadas para o amor que gostariam de levar esse Outro à vida cotidiana, onde ficariam... decepcionados. Freud inventou um novo Outro do amor, mas não um novo gozo, porque então seria a questão de uma nova perversão.

Nessa linha sensível de reflexão que estou apresentando diante de vocês no estilo de um seminário de trabalho, quando se chega a esta conclusão - "a psicanálise não inventou um novo gozo" -, é interessante tratar de pensar o contrário. A lição de Lacan - "Lacan contra Lacan" - é precisamente que não há nenhum interesse em pensar contra o outro: assim fazem os bobos. É sempre muito mais interessante pensar contra si mesmo, isto é, verificar suas hipóteses modificando-as, de modo que se multipliquem os aspectos para ver se se encontra uma dificuldade, um *impasse*. Não há coisa mais útil, já que encontrar um *impasse* permite localizar aquilo que podemos ter como equivalente ao real. Em meu seminário de trabalho estou sempre tentando, mas é muito difícil pensar contra si mesmo, porque às vezes, pensar contra o outro é uma defesa. Hoje me encontrei com um personagem que há dois ou três anos esteve no Campo freudiano e já não está mais... Por sua escolha, pelo seu mal-entendido ou pelo seu desejo...

Não somente foi interessante encontrá-lo, como também inteirar-me de que a partir de agora ele vai consagrar-se a desmentir tudo que eu disser. Parece-me que é uma vocação de perdição. Creio que seria muito mais proveitoso para ele tratar de pensar um pouco contra si mesmo, mas para pensar contra si mesmo é preciso pensar: essa é a dificuldade, já que é muito mais cômodo tomar o outro que parece fazê-lo...

Bem, podemos assim tentar pensar outra coisa: que, ao contrário, a psicanálise tenha inventado, talvez, outro gozo. Por exemplo, o gozo puro da fala. Como vocês sabem, em determinado tempo Lacan tratou de desenvolver este ponto: na psicanálise se produz um novo gozo, o gozo da fala. É uma produção inesperada que foi uma surpresa para o próprio Freud, e que se traduz por um fenômeno que vocês conhecem bem, tanto aqui como em Paris, que consiste no fato de que, pela produção desse novo gozo na experiência analítica, os tratamentos se estendem muitíssimo. Essa é uma maneira de entender porque, em um momento do tratamento analítico que Freud considerava como um trabalho de interpretação que devia terminar bastante rapidamente, ele começou a descobrir - claro que nisso foi ultrapassado pela sua própria invenção - que os tratamentos se estendiam. Agora se vê em que sentido a psicanálise é, ao menos, uma nova enfermidade...

Poder-se-ia falar assim de um novo gozo produzido ou desnudado pela experiência analítica; desnudado porque é preciso ver o encanto que tem para nós falar uns com os outros. Podemos suspeitar que, nesse fato de falar uns com os outros, produz-se algo mais do que a comunicação de informações. Isso seria desnudado na experiência analítica do lado do analisante, seria um novo gozo do lado do analisante. Mas também existe um novo gozo do lado do analista. É binário!... Acontece que a experiência analítica tem também algo de binário: se fala do analista e do analisante. O fato é que Lacan, por exemplo, toca nesse

ponto do gozo do analista quando aponta que há certa homologia entre a posição perversa e a posição do analista, quando mostra que o analista também se faz instrumento do gozo do Outro. De certo modo, isso verifica a ideia de que há um gozo do lado do analisante produzido pelo tratamento analítico, um gozo do qual o analista se faz instrumento, já que sua presença é necessária para obter esse gozo. Pode-se dizer, por exemplo, que a linha superior do discurso analítico em Lacan reproduz a estrutura da fantasia sadiana:

$$a \rightarrow \$$$

Por essa razão Lacan diz que, apesar da estrutura ser comum, o analista deve manter-se afastado do gozo que poderia resultar para ele mesmo nessa posição. Deve recusar que tanto o gozo sádico quanto o gozo masoquista tornem-se o que poderia ser seu gozo. Seria uma ideia para desenvolver em um trabalho, tratar de ver como, na história da psicanálise, vários analistas tomaram, de fato, diversas posições de gozo a partir desse lugar. Ver que alguns são inteiramente sádicos e que outros fazem uma teoria masoquista da transferência. Existem muitas outras... Seria interessante uma classificação dos analistas a partir disso.

No entanto, o importante é colocar que a resposta à "perversão" do analista (que ocupa o lugar de objeto  $a$  e produz uma divisão subjetiva no analisante), que a resposta a essa pseudoperversão é o amor, o amor de transferência. Assim, utilizando esse matema de Lacan - bem conhecido agora - poder-se-ia dizer que, sendo  $a$  a posição do analista e  $\$$  a do analisante, à vertente da "perversão" responde o amor de transferência.



Isso tem seu interesse, porém o que carece dele é ter que escrever a posição do analista como "perversão". Seria melhor introduzir algo mais refinado do que isso que é um tanto sensível. De qualquer forma, é interessante fazê-lo assim porque mostra muito bem - pelo menos para mim - que o amor guarda uma relação com *a*, e que o amor de transferência constitui um véu do estatuto de desejo de tal objeto. Isso quer dizer que permite ver em que o amor - nesse caso o amor de transferência - é um desconhecimento, ou talvez melhor, um engano; que no amor há um engano (tese bem conhecida), porque se esconde o objeto *a* como dejetivo. E Lacan fornece a fórmula desse véu quando escreve:  $i(a)$ , imagem de *a*. Uma imagem que precisamente esconde, que outorga todo o esplendor do imaginário, da beleza ao que, em si mesmo, não tem nada de lindo: por exemplo, os analistas. Vocês podem ver que nisso devemos introduzir uma "função de véu" para entender o que se passa.

### ***Liebeslebens***

Assim, passo a passo, isso é muito simples, porém, ao mesmo tempo, não se percebe claramente para onde vou. Vou a um lugar muito preciso em Freud que, em seus próprios termos, chama-se *Liebeslebens*. *Liebe* se traduz: amor; e *Lebens*: vida. Como a ideia de desenvolver as coisas desse modo foi algo que surgiu muito recentemente aqui em Buenos Aires, só ontem pude conseguir as traduções em espanhol das três "Contribuições à psicologia do amor", de Freud. Nesse ponto é interessante verificar que enquanto a tradução da

edição da Amorrortu intitula a segunda contribuição de "Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa", a tradução mais antiga, a de López Ballesteros, utiliza o termo *vida erótica*. Se bem que não pareça uma distância muito grande, é notável, já que parece indicar que a palavra *Liebe* em Freud apresenta, talvez, algumas dificuldades conceituais; e para dizê-lo rapidamente mediante um curto-circuito, creio que o que Freud chama *Liebeslebens* refere-se, de fato, à articulação entre o amor e o gozo - por assim dizer -, sexual. É preciso esclarecer um pouco mais, isto é, trata-se da articulação entre a vertente do amor e o gozo, o mais-de-gozar que está aqui:

$$\frac{i(a)}{a} \leftarrow \text{mais-de-gozar}$$

E quando se toma as três "Contribuições à psicologia do amor" - "Sobre um tipo particular de escolha de objeto no homem" (1910)); "Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa" (1912) e "O tabu da virgindade" (1918[1917]) - quando se tomam esses três textos que o próprio Freud agrupou, encontramos, na minha opinião, um Freud realmente lacaniano. Lacan disse que ele não era lacaniano, mas sim freudiano, e Freud nunca disse que ele não era lacaniano... Realmente creio que é - e vou tratar de demonstrá-lo - um Freud muito lacaniano que nos permite talvez reler e repensar um texto do próprio Lacan tão importante para esse tema como é "A significação do falo". Seria tomar Freud para ir para além de Lacan, porém, evidentemente, com a ajuda de "outro Lacan".

Do que trata a psicologia da vida amorosa ou erótica? Trata-se, para Freud, de pensar a questão que todo mundo se coloca: como se relacionam homens e mulheres? É um esforço

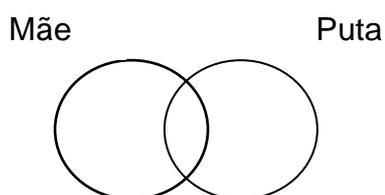
para pensar a relação sexual: pensá-la - é preciso dizer - a partir de suas dificuldades, de seus *impasses*. Porque quando se lê Freud para saber qual posição assumir nesse assunto, em toda parte aparecem *impasses*; talvez mais do lado dos homens do que do lado feminino. Existe uma solução feminina destacada por Freud no final de "Sobre a mais generalizada degradação da vida amorosa", a solução feminina por excelência, a "solução Judith" - a Judith de Hebbel<sup>3</sup>, evidentemente - que aparece como a única saída válida para todos esses *impasses*, e podemos pensar que Lacan percebeu isso.

Então a questão é ver como se relacionam homens e mulheres, como se escolhem uns aos outros. É o tema, recorrente em Freud, do *Objektwahl*, da escolha de objeto. Quando Freud diz *Objekt*, de forma alguma deve ser traduzido pelo objeto a. Quando ele fala da escolha do objeto de amor, o objeto de amor é *i(a)*, é a imagem de outro ser humano. Às vezes se escolhe outra coisa do que um ser humano... Às vezes se escolhe um objeto material: é o que se chama fetichismo. Nesse caso não se fala em objeto de amor, mas sim, efetivamente, de gozo ou de causa de desejo, mas não de amor. Porque para poder falar de amor é necessário que a função a seja velada pela imagem, a imagem de outro ser humano, e talvez de outro ser humano e de outro sexo. Porque podemos discutir se o amor homossexual masculino merece o termo *amor*. O amor homossexual feminino é outra coisa, já que parece, por razões estruturais, que merece tal termo. Quais as razões estruturais? Para dizer rapidamente, a razão estrutural é que, de qualquer maneira, e em todo caso, uma mulher tem valor de Outro para outra mulher. O mais terrível é que tudo isso indica alguns caminhos, porém como não se pode seguir todos os caminhos de uma só vez, não vou desenvolvê-los.

Assim, há amor, poderíamos dizer, quando se trata desse e não de outro, quando se trata de algo que não se

pode substituir. Essa é a ideia sublime do amor. Ao contrário, na psicologia da vida amorosa ou erótica de Freud, vemos que ele emprega a palavra *amor* sempre que se trata da possibilidade de alguma substituição, da necessidade de uma substituição. E, de certo modo, quando se trata do gozo não há substituição. Entretanto há uma articulação, que devemos buscar entre esse amor e algo diferente do amor, isto é, a problemática do gozo que Freud coloca claramente em "Contribuições à psicologia do amor", de tal modo que também são contribuições à doutrina do gozo. Portanto, tratarei de demonstrá-lo com algumas citações.

Em primeiro lugar darei um peso importante ao caminho que, com muita clareza, Freud segue a partir da primeira contribuição, onde fala do particular: o tipo particular de escolha de objeto no homem, o particular de um tipo. Isso quer dizer que, quando fala da escolha de objeto, ele não fala da escolha de um objeto entre todos, mas sim de um tipo particular; e dizer tipo é, portanto, dizer que há objetos substituíveis, que podem substituir-se. A segunda contribuição trata da tendência à degradação, ou seja, que seu caminho vai do particular ao universal, e vocês sabem o peso que Lacan forneceu ao particular e ao universal, sabem que os empregou primeiro em um sentido hegeliano e, depois, puramente lógico. Isso já se encontra claramente em Freud nos títulos; e para dizê-lo em termos lógicos, nesses três textos de Freud trata-se de conjunção - ou de interseção - e de disjunção, que podemos escrever bem simplesmente deste modo:





universal, à categoria lógica do universal. Podemos dizer primeiro que o problema central desses três textos de Freud - se bem que se trata, ao mesmo tempo, tanto do lado masculino como do feminino -, o problema no qual os três convergem é: como gozar de uma mulher. A porta de entrada é precisamente a escolha de objeto feminino a partir do ponto de vista masculino.

Segunda observação: vê-se imediatamente que, ao se estruturar assim as coisas entre dois termos, não aparece o termo *mulher* que aí - e essa é a lição de Freud - introduz uma clivagem entre os dois valores da feminilidade, o que já pode ser traduzido como: "A mulher não existe". Essa é uma porta de entrada em Freud à questão que Lacan simplificou com a expressão: "A mulher não existe". Freud diz o mesmo: o único que existe são esses dois termos, esses dois tipos de mulheres. E o interessante é que, nos dois casos, anda mal. Se estamos no primeiro caso, no qual ambos os termos são equivalentes, trata-se de um tipo de neurose bem conhecida no homem; e se nos encontramos na outra situação, a humanidade civilizada está perdida. Isso quer dizer que Freud destaca com toda clareza o caráter de *impasse* das relações entre homens e mulheres.

Terceira observação: sobre o próprio termo *escolha de objeto*. É extraordinário que na sexualidade humana se introduza um termo tal como *escolha*, o qual significa que não é qualquer pessoa que o faz. Que às vezes - se tomamos o lado masculino - com uma só pessoa acontece e com outras não... Às vezes com nenhuma acontece (caso extremo). Ou o caso universal em que algumas, mais ou menos numerosas, o fazem... E existe a possibilidade - no momento não a encontrei -, vamos dizer a utopia de um homem para o qual todas seriam possíveis. Quer dizer que seria suficiente ser mulher para ser desejada por esse homem, isto é, o homem para o qual a mulher existiria. Temos um exemplo famoso na figura de Don Juan. Efetivamente, qualquer traço que

tivesse uma mulher - vocês conhecem a ópera de Mozart - bastaria para que ela fosse colocada na lista, isto é, para ser reconhecida como mulher. De certo modo, poder-se-ia dizer que nesse caso Don Juan seria o antiperverso por excelência, aquele que poderia reconhecer A mulher como tal. E que, se há uma perversão fundamental da sexualidade masculina, talvez seja porque *A mulher não existe*, e, portanto, é preciso fazê-la existir mediante traços que não são o traço puro, o significante puro da feminilidade. Assim, os traços de perversão são os traços inventados no lugar significante de A mulher, que não existe.

Há também outro mito do homem no qual a mulher existiria: o pai de "Totem e tabu", porque a partir de sua posição, que é a do pai morto, há o "todas as mulheres". Desse ponto de vista, A mulher existe. Assim se entende, por exemplo, a vinculação da histeria com o pai na medida em que o consideramos como um pai morto, porque desse ponto de vista o significante de A mulher seria possível. Ah!... Vou dar um exemplo pessoal. Devo pensar que, de alguma maneira, por ter-me situado mal, tenho às vezes esse lugar. Porque as senhoritas encarregadas da recepção de entrada do V Encontro se mostraram tão ativas e tão... - com toda a intenção - diligentes que motivaram minha surpresa e encanto. Encanto, porém, ao mesmo tempo, um pouco de... Porque ao final, na festa de encerramento do Encontro... me pediram que dançasse com todas!... Assim, junto ao encanto, junto com a honra que eu podia sentir, tive vontade de dar um passo atrás, já que sentia que elas queriam, talvez, dançar com o "pai morto"... Por isso nessa festa movimentei-me muito para me sentir vivo... Mas claro, também existe a "dança macabra"...

Nas espécies animais, ao contrário, não há tanto problema de escolha. Basta apresentar um animal a outro da mesma espécie e de outro sexo para que - creio, normalmente e apesar, eventualmente, de algumas neuroses - se

reconheçam. Porém quando os seres humanos se misturam com a vida animal, introduzem de imediato a escolha: selecionam o cavalo eminente e, uma vez que o tenham selecionado, o apresentam a uma série de éguas. Vê-se assim como o ser humano introduz a escolha na sexualidade, na qual creio que, e apesar de haver muitas, o cavalo não teria dificuldade em fazer amor com uma égua que não tivesse os mesmos prêmios que ele.

Pois bem, não somente Freud percebeu o notável e o agudo do termo *escolha*. Esse é também o problema fundamental colocado por Lévi-Strauss. Do que se trata senão isso em *As estruturas elementares do parentesco*?<sup>6</sup>. Trata-se - isso me apareceu claramente esse ano em dado momento em Barcelona - das regras sociais da escolha do *partenaire* e apresentadas de uma forma eminentemente lógica. Quer dizer que nem todos os *partenaires* estão autorizados. Existem alguns que estão e, às vezes, em uma classe eventualmente pobre em membros - não há muitas possibilidades - a escolha é dirigida a um ponto bastante preciso. Isso é o social, o eminentemente humano na sexualidade: nem todos os *partenaires* estão autorizados, somente alguns. Na realidade, é a matriz de conflito romântico. Na novela do século XIX, que também continua em uma parte do século XX, o conflito essencial é a escolha entre o *partenaire* autorizado que está determinado pelas regras sociais da escolha e o *partenaire* não autorizado, ou talvez o *partenaire* proibido. Nessas novelas de amor que continuam contemporâneas em nosso século, geralmente na literatura de baixo nível, o amor se apresenta autorizando-se a si mesmo, se podemos dizer, como o analista lacaniano. Claro que o analista - que segundo Lacan<sup>7</sup> se autoriza a si mesmo - implica que não está escolhido pelo funcionamento lógico e cego de um Outro.

Assim, isso é o que, segundo Lacan, encontra-se no complexo de Édipo. O que é o complexo de Édipo freudiano

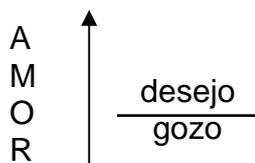
senão a própria matriz lógica que indica o *partenaire* proibido? A partir daí a referência materna é constante nesses textos de Freud. Precisamente, se existe um problema na escolha de objeto é porque o objeto escolhido, quer dizer a mãe, é ao mesmo tempo um objeto proibido. Se partimos da mãe como *partenaire* proibido, resulta que devemos fazer, de certo modo, outra escolha, a qual nunca dá satisfação; por isso Lacan pôde dizer que "a relação sexual não existe" talvez somente na família. Porque nesse nível, precisamente proibido, essa relação seria a boa..., a boa se não fosse a má... Vê-se agora muito bem como se complica tudo isso para a filha, pois se o objeto que lhe é destinado também é a mãe, há proibição, e se é o pai, também há proibição. Dessa forma, o aspecto sem saída aparece claramente destacado.

### **Condições de amor**

Sem desenvolver essa vertente, pode-se dizer que Freud foi, na psicologia da vida amorosa, um Lévi-Strauss da vida amorosa, já que apresenta as estruturas elementares da referida vida e mostra em que o amor também obedece a regras. É o que ele chama de "condições de amor". A condição de amor, em alemão, *Liebesbedingung*. Dizê-lo em alemão constata o caráter formalizado - que se perde na língua latina - dessa expressão que recobre a ideia das condições de amor sob as quais os seres humanos escolhem seu objeto. São as primeiras frases do primeiro texto das "Contribuições..." de Freud<sup>8</sup>. Poder-se-ia dizer que, quando ele fala das "condições de *Liebe*", se trata, efetivamente, de condições de gozo que determinam a escolha do objeto de amor.

$$\frac{i(a)}{a}$$

Assim Freud conceitualiza a articulação mesma do gozo e do amor; o que ele chama *Liebesbedingung*, a "condição de amor" que governa a escolha do objeto de amor. De certo modo, pode-se dizer que a *Liebesbedingung* freudiana é uma determinação do gozo, que talvez poderíamos escrever assim: gozo abaixo do desejo, e o amor como a própria vinculação entre o gozo e o desejo.



Para dizê-lo com mais precisão, a questão é como o gozo freudiano enquanto gozo parcial, na medida em que em si mesmo é um gozo autoerótico, como esse gozo pode vestir-se de Outro; e como - esse é o problema - se transforma de autoerótico em aloerótico. Dito em termos lacanianos, como o gozo pode entrar na dimensão do Outro, como passamos do gozo ao desejo do Outro. Assim, é preciso verificar em que momentos Freud fala da "condição de amor". Fala, por exemplo, no Homem dos lobos - no penúltimo capítulo - quando se vê com clareza que o Homem dos lobos responde automaticamente a certo tipo de encontro. Quando ele encontra uma mulher jovem agachada limpando o piso, tem aí - diz Freud - uma imagem que produz nele uma excitação sexual e, imediatamente, a escolha de objeto. Isso mostra o que significa a "condição" para Freud: uma disposição que desencadeia automaticamente o desejo sexual e a escolha desse objeto como objeto de amor. Esse é o uso do termo "amor" em Freud. A propósito disso ele fala em compulsão, *Zwang*. Isso quer dizer que não há liberdade do sujeito e que, ao contrário, no momento em que se realiza a

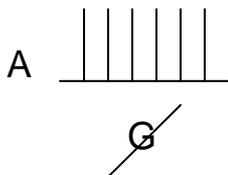
"condição", desencadeia uma compulsão, automaticamente se produz a escolha do objeto. Pois bem, seguramente há uma *tiquê* no encontro: ele pode se dar ou não, porém no momento em que esse encontro se produz há um *automaton* da compulsão; *tiquê* do encontro, *automaton* da compulsão.

Freud não fornece detalhes, todavia diz que, no momento de encontrar o "amor de sua vida", o Homem dos lobos estava em uma situação que também respondia a essa "condição" já destacada. Embora Freud não dê precisões sobre isso, contudo explica - e isso é o que podemos tomar para nossa investigação do Homem dos lobos - que a famosa cena primária está investida na "condição de amor". A "condição de amor" é apenas uma formalização e um deslocamento da cena primária e há, em Freud, uma estreita relação entre cena primária e condição de amor. De tal maneira que, como vocês sabem, toma a bem conhecida Gruscha como um substituto da mãe, como o primeiro substituto da mãe. E isso, segundo as indicações do próprio Freud, é constante nas três contribuições. É incrível que isso não pôde ser visto antes de Lacan. Nesses três textos Freud fala constantemente de substituição, de metáfora, e articula a substituição feita do objeto fundamental com a constituição de uma série de objetos substitutivos. Articula muito bem a metáfora do objeto primordial e a metonímia dos objetos escolhidos. Desse modo a "condição de amor" encontra-se no nível inferior e a escolha de objeto no nível superior:



Como o próprio Freud diz, para o Homem dos lobos todos os objetos posteriores de amor foram substitutos de Gruscha, que era o primeiro objeto substituto da mãe. Nas

"Contribuições ...." Freud faz o mesmo: explica, articula a metonímia dos objetos de amor. Isso já é um elemento decisivo da lógica da vida amorosa ou, pode-se dizer, da lógica linguística da vida amorosa. Para dizê-lo rapidamente: o que em Freud se apresenta como a interdição da mãe, se o tomamos como uma imagem traduz-se, em nossos termos, como a interdição do gozo.

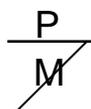


Por isso Lacan<sup>9</sup> pode dizer, no Seminário sobre *A ética, que das Ding*, o "gozo primário", é a mãe. E também é a mãe em Klein. Melanie Klein aproximou esse ponto utilizando a figura da mãe que, na realidade, tem como substância a interdição do gozo. Assim se entende também porque a metonímia superior - a metonímia do desejo, do Outro do desejo - constitui um metabolismo do gozo, nos termos de Lacan. Quando ele retomou o tema da metonímia foi para vinculá-la ao gozo, da mesma maneira como acabo de fazer.

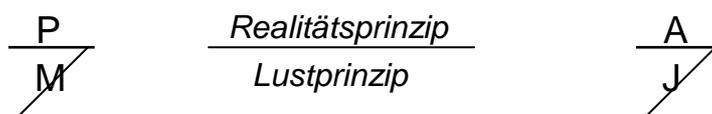
O horrível do que ensina a vida amorosa, segundo Freud - já que o amor freudiano não tem nada de "amável" - é que somente há substitutos. Quando se trata do tabu da virgindade, Freud<sup>10</sup> o explica pelo fato de que o primeiro homem a penetrar uma mulher, e que será depois interdito, proibido como tal, funciona como o primeiro substituto do pai. Quer dizer que o fato de trazer um homem não escolhido para deflorar a virgem responde a essa necessidade de normalizar a sexualidade feminina: a de introduzir um "menos-um", um homem que funcionaria como se ele fosse o bom objeto, o objeto original, como se fosse o pai que logo será proibido pelo resto da vida sexual. É preciso ler

Freud... É preciso lê-lo para ver a paisagem que apresenta da condição humana. Como ele o diz, com a mesma força, o marido não é mais do que um homem substitutivo, senhores, por assim dizer, nunca é o genuíno. Freud o diz!... Da mesma forma, tudo que Freud destaca com esses dois conjuntos da clivagem da mulher - em minha formulação - são meios pobres para fazer "como se" fosse possível obter uma mulher que fosse a genuína. Durante um tempo fui especialista da lógica do significante, porém é muito mais divertido introduzir os elementos de uma lógica da vida amorosa. Porque existem os elementos de uma lógica na qual o "genuíno", como o diz Freud<sup>11</sup>, está fundamentalmente proibido, é outro modo de dizer que o objeto está sempre perdido, e que se traduz nos termos de Lacan pela interdição do gozo.

Posso introduzir agora um ponto que destaquei numa conferência em Barcelona e que desenvolvi em meu curso de maio-junho: como entender realmente qual foi a operação de Lacan sobre Freud? Porque a operação de Lacan sobre Freud foi essencial não podemos, apesar de algumas tentativas, aderir diretamente a Freud senão através de Lacan. Para simplificar, digamos que há duas vertentes na obra de Freud: uma é tudo que Freud pode dizer sobre o complexo de Édipo, a outra é a vertente da metapsicologia. De um lado se fala do complexo de Édipo, do complexo de castração; do outro lado, do princípio de realidade, do princípio de prazer; se faz a metapsicologia. Porém, na verdade, até Lacan essas duas vertentes nunca foram realmente unidas. Creio que nunca ninguém conseguiu como Lacan descobrir a estrutura comum das vertentes do complexo de Édipo e a metapsicologia. Isso aparece claramente quando Lacan, com sua famosa metáfora paterna, escreve assim a estrutura do complexo de Édipo:



O Pai sobre a Mãe; essa formulação é exatamente homóloga à substituição que o próprio Freud introduz em "Formulações sobre os dois princípios do acontecimento psíquico". Quer dizer, é homóloga à metáfora da metapsicologia entre *Realitätsprinzip* e *Lustprinzip*. Por isso introduzi a metáfora lacaniana do Outro: o grande Outro sobre o gozo - que vou escrever em francês *jouissance* - barrado.



Se utilizamos os termos de Lacan - gozo e saber - é porque eles nos permitem ter uma linguagem única para falar, ao mesmo tempo, do complexo de Édipo e da metapsicologia. Nisso se enraíza o poder da elaboração de Lacan: dar-nos um acesso direto e comum ao que em Freud se apresenta como duas vertentes separadas. (Estou fornecendo aqui, em três ou quatro frases, o que foi um extenso trabalho de fundamentação). Desse modo, pode-se falar em três metáforas: a famosa metáfora paterna, a metáfora da metapsicologia e a própria metáfora do Outro. Assim, ao mesmo tempo, isso - se é como acredito - constitui a base da lógica da vida amorosa: fundada sobre um gozo proibido ao qual não se pode aceder e, no nível superior, o Outro do desejo com sua metonímia infinita. Isso pode ser a lógica. Contudo - e como indica o plural que colocamos em nosso título do próximo ano - há várias lógicas. Há várias lógicas do vínculo do gozo com o Outro, com o Outro do significante, com o Outro do amor. Porque no nível do gozo como tal, não existe o Outro: no nível do gozo como tal há a Coisa, *das Ding*. Essa é a antinomia destacada e trabalhada por Lacan e que já se encontra em Freud. É por

isso que, em *O Seminário: mais, ainda*, Lacan fala da função eminente da carta de amor; porque o amor está constituído no nível em que o gozo se articula com o Outro do significante. Seria interessante - isso poderia ser uma conferência - diferenciar a fala de amor e a carta de amor. Agora não se escrevem tantas cartas de amor, fazem chamadas telefônicas... Nesse ponto Lacan era de outra época...

Retomando o tema da escolha. Se há escolha de objeto, segundo Freud, é porque não há relação sexual, porque os homens e as mulheres não podem reconhecer-se puramente como tais. Devem ter outros signos específicos, distintos para cada um, para poderem reconhecer o objeto do outro sexo que lhes seja conveniente. Por isso há - se a perversão é colocada em relação ao que seria a relação sexual, se existisse - uma "perversão generalizada". Quando tomamos como padrão de medida, como referência, a relação sexual como tal, parece, efetivamente, que a perversão está em todos os lados. É por isso também que a relação sexual, que não existe, está usualmente codificada através do discurso do mestre. Quer dizer que, como não há uma relação sexual "homem e mulher" como tal, na qual podem reconhecer-se como tais e sem signos específicos, em seu lugar o mais comum é utilizar a relação do mestre-escravo para cifrá-la; com a questão, sempre presente, de quem é o mestre e quem é o escravo. Existem várias teorias sobre isso. A teoria feminista de que os homens são os mestres enquanto as mulheres ocupam o lugar de escravas. Existem doutrinas não feministas porém, às vezes, femininas, nas quais, apesar das aparências, o verdadeiro mestre é feminino... Entretanto o mais importante nesse momento não é escolher uma ou outra tradução, mas sim ver que é sempre, a partir da relação de poder, que se trata de cifrar a relação sexual. Vê-se bem que o sujeito tenta cifrar a relação sexual a partir da relação entre o pai e a mãe - esse também é o problema da cena primária em Freud -, contudo

não pode fazê-lo completamente. A metáfora paterna como relação entre pai e mãe nunca permite cifrar a relação sexual.

Agora, e para introduzir-nos na leitura dos textos sobre a vida amorosa, Freud é tão lacaniano nesses textos que sua entrada se faz com a constatação de que entre o homem e a mulher, no tipo particular de escolha de objeto, o Outro está presente. Vocês conhecem a teoria do "terceiro prejudicado"<sup>12</sup> nesses textos, isto é, a escolha de um objeto feminino que está na posse de outro homem. E Freud reflete: por que seria necessária essa condição? Para que um homem deseje uma mulher por que ela deve ser propriedade de outro homem? Vocês podem constatar suas teorias: os ciúmes, etc. Mas o importante, o fundamental, é que ele introduz a questão do Outro entre o homem e a mulher. Assim, não se trata de um reconhecimento imediato por parte do homem, da mulher a escolher, mas de uma mediação pela referência ao Outro. E na medida em que a partir dessa referência, como "condição de amor", o homem pode relacionar-se com a mulher, no momento em que, como Freud diz, o outro desaparece, o mesmo ocorre com o amor. Há muitos temas para desenvolver em torno disso: por exemplo, o tema do "roubo", da mulher como propriedade do Outro e que é preciso roubá-la; como se ela devesse, para assegurar seu valor, ser o *agalma* do Outro. Assim mesmo, enquanto que nesse caso é o outro que está ciumento, em outra situação, diz Freud - porque ele também tem certa tendência ao binarismo -, se trata de homens que somente querem mulheres infiéis; isto é, que nesse caso os ciumentos são eles. Então às vezes - como no primeiro caso - é o outro quem tem ciúmes, ou então - segundo caso - é o sujeito quem padece deles. Porém o que na realidade se vê é que, em ambos os casos, a relação entre homem e mulher se joga em relação ao Outro. Que o segredo de tudo isso seja a função da mãe como propriedade do pai e infiel ao filho, pelo mesmo fato

mostra que nisso funciona uma mesma lógica. De uma maneira ou de outra, é necessário - no sentido lógico - que a mulher eleita não seja toda do sujeito, que, para poder reconhecer uma mulher como desejável é necessário introduzir um efeito de "não-todo", no sentido de Lacan. E assim Freud reúne os dois casos em um mesmo tipo único sob a incidência da referência materna. Tal como ele diz na página 162 da edição da *Amorrotu*, volume XI: "[...] os traços característicos de nosso tipo, tanto suas condições de amor como sua conduta [...], surgem efetivamente da constelação materna". Não vou desenvolver o tema que se encontra na página 161, sobre a substituição dos objetos, mas destacarei o que Freud diz na página 163:

[...] todos os objetos de amor estão destinados a ser principalmente substitutos da mãe; torna-se compreensível a formação de séries [...]. Com efeito, a psicanálise nos ensina, também através de outros exemplos, que o insubstituível eficaz dentro do inconsciente frequentemente se anuncia mediante a substituição sucessiva em uma série interminável, e isso, justamente, porque em cada substituto encontra-se menos do que a satisfação esperada.

O que Freud chama de "o insubstituível eficaz dentro do inconsciente" é o gozo como inesquecível, e a questão que se pode anunciar é a de que nível são as condições de amor, que há condições no nível significante e condições propriamente de gozo.

Para finalizar, algumas palavras sobre o segundo texto de Freud, o texto sobre a tendência universal à degradação da vida amorosa, que apresenta o caso da "disjunção", já que se trata daqueles que quando amam não desejam e quando desejam não amam<sup>13</sup>. Assim como o primeiro texto destaca a lógica do "não-todo", nesse Freud fala do "universal", do

"para todos", e faz da impotência uma constante da cultura. Isso quer dizer que para ele a proibição do gozo assume a forma  $-\phi$ , que é o próprio segredo da cultura. Desenvolve a dialética que há entre uma mulher simbolizada no vínculo social e outra como não simbolizada em tal vínculo (a famosa oposição que escrevi no quadro de alguma forma sensível); a qual significa que, enquanto uma mulher pode representar o não simbolizado parece escapar ao significante, isto é, pode representar o mais-de-gozar como não simbolizado. E parecer escapar à lei do significante (semblante) pode ser também um segredo da sedução. Desse modo, do lado feminino, a mesma lógica freudiana se traduz na posição do gozo como secreto. Do lado feminino o secreto da relação assegura e acentua sua função de representar o mais-de-gozar como não simbolizado. Freud chega neste ponto - tão interessante de avaliar em nosso trabalho do próximo ano - a assinalar que a condição do proibido pode ser equiparável, na vida amorosa feminina, à necessidade de degradação do objeto sexual no homem (página 180 da edição da Amorrortu). Resumindo: Freud trata o tema das condições de amor. Tema no qual se entra pelo lado da sexualidade masculina, já que, por razões estruturais, é o lado onde isso se destaca melhor, como o caso do Homem dos lobos, no qual se verifica um automatismo do funcionamento de alguns traços, quase ao modo de um sinal. Enquanto que do lado feminino aparece de maneira mais secreta. Precisamente, o que é mais secreto do lado feminino é o secreto mesmo: isto é, que o secreto, o secreto do proibido, funciona, segundo Freud, como condição de amor.

Não quero terminar sem acentuar a terceira parte do segundo texto de Freud, que apresenta claramente suas consequências como doutrina do gozo. Desse modo, Freud, que era consequente com o mesmo, traduz isso em termos de pulsões; e diz que, ao ter uma paisagem amorosa - não vou dizer caótica porque é perfeitamente lógica - com tantos

*impasses* fundamentais, com tantas invenções bastante curiosas, devemos pensar que há algo na própria pulsão que proíbe a satisfação plena; devemos concluir que, a partir dessa lógica na qual se trata da relação com os outros seres humanos, na qual se trata da mãe, do ponto de vista metapsicológico, a própria pulsão não tem como destino a satisfação plena; que há algo interdito ao nível do próprio gozo. Na página 182 da edição *Amorrortu*, Freud diz: "Creio que, por estranho que pareça, deveríamos nos ocupar da possibilidade de que haja algo na natureza da própria pulsão sexual desfavorável ao êxito da satisfação plena". E ali mesmo fala da "interposição da barreira do incesto", que são os mesmos termos que Lacan usa quando fala da referida interposição como uma metaforização da barreira do gozo. Há uma homologia entre o nível do complexo de Édipo, da barreira do incesto, da barreira da mãe interdita, e o que devemos pensar, a propósito da pulsão, como uma barreira do gozo.

Pois bem, existem muitas perguntas ao redor de tudo isso. Primeiro: o problema da homossexualidade masculina é interessante, pois se vê uma "condição de amor" muito clara que governa a escolha de objeto; para a escolha de objeto homossexual masculino é necessário que o outro tenha um traço bastante preciso, ainda que bastante comum, ou seja, um pênis. Essa é a "condição de amor" no sentido freudiano. Na medida em que o objeto tenha esse traço, se reconhece nele um *partenaire* possível. Se bem que haja variações, sabemos que o número de *partenaires* possíveis na homossexualidade é muito maior do que para um heterossexual; que os contatos, o reconhecimento, são muito mais fáceis. Quer dizer que nessa escolha de objeto funciona qualquer homem. E é tal uma condição que me pareceu interessante a manobra que me contou um analisante homossexual, que podia se relacionar com uma mulher somente na condição de poder olhar seu próprio pênis; era assim,

por esse olhar de esguelha, que ele podia ter relações com uma mulher. Nesse ponto, para o homossexual masculino, o homem existe realmente. Lacan<sup>14</sup> diz que para uma mulher o homem existe somente na psicose. Por que ele diz isso? Porque na psicose o Nome-do-Pai reaparece no real. Estou contente com essa resposta, já que durante vários anos não consegui entender porque Lacan dizia que O homem existia para a mulher na psicose, e agora consegui...

Ao mesmo tempo em que Freud fala da tendência universal à degradação da vida amorosa, existe um contra-exemplo. É conhecido o gosto do sujeito, na homossexualidade masculina, por um objeto degradado: um tipo jovem, pobre, inculto. E elevá-lo, mediante a relação homossexual, à cultura e fazer-se Pigmalião de um objeto degradado. Há toda uma história da homossexualidade masculina que é exatamente oposta à degradação, e na qual, ao contrário, se elege um objeto degradado para sublimá-lo, para elevá-lo aos mais altos níveis da sublimação. Nesse caso, longe de haver - entre perversão e sublimação - alguma contradição, há um vínculo bastante estreito. Este é o exemplo que Lacan toma<sup>15</sup> em *A ética*: o de São Martinho dando a metade de sua capa a um mendigo. Ali Lacan diz que o mendigo talvez tivesse preferido que São Martinho fizesse amor com ele, o que não é somente um chiste, já que indica - com muita precisão - que a cena entre o cavalheiro e o mendigo é, efetivamente, uma cena típica do encontro homossexual. É assim que, às vezes, não se pode saber com segurança se dentro do convite ao pobre para que alguém o acompanhe a sua casa para ajudá-lo, não há algo, precisamente, da ordem sexual. Escolher o outro pelo que lhe falta, o outro a quem falta tudo para levá-lo ao máximo de sublimação é, efetivamente, uma tendência que seria necessário destacar.

### **Respostas às perguntas**

1. *(Pergunta sobre se a fala de amor pode ser a envoltura formal do sintoma).*

O interessante nisso seria diferenciar fala e escritura, já que a escritura permite filtrar o gozo de outra maneira. A letra e a carta de amor, na medida em que é escrita, permitem separar o gozo de maneira precisa, mas diferente da fala. Porque a fala de amor se diz na presença, se diz quando há, precisamente, *i(a)*, quando a imagem do outro é sua presença. E, de certo modo, a própria presença torna as falas de amor inúteis ou vazias. Se pensarmos sobre isso, as falas de amor são jactâncias, metáforas bruscas que têm, fora da relação, algo de bobo. São os famosos exemplos de Lacan. Ao contrário, as cartas de amor são inteligentes - há toda uma literatura de correspondência amorosa -, porque elas são feitas na ausência do objeto. Isto é o mais verdadeiro: são feitas em relação ao objeto perdido, como um apelo a um objeto que talvez não volte e no qual há um pedido ao ausente. É todo um tema da correspondência amorosa. Por exemplo, o problema das cartas da religiosa portuguesa<sup>16</sup>, as mais lindas cartas de amor, nas quais no lugar do sujeito da enunciação há uma mulher, enquanto que o outro parece ser um homem; entretanto - há muito para pensar - quem fala com esse semblante de mulher, na realidade, é um homem. Um homem que fala muito bem da ausência, porque precisamente para ele a mulher não existe; e por falar a partir deste ponto de vista no qual a mulher não existe pode, talvez, falar da ausência - inclusive - melhor do que uma mulher. Mas o que me parece sensível é a oposição entre as falas "bobas" de amor e as tão sofisticadas cartas de amor.

2. *(Pergunta sobre a frase de Lacan de que o amor permite ao gozo condescender ao desejo).*

É uma frase muito surpreendente de Lacan<sup>17</sup>. Por que dizer que o amor permite ao gozo condescender ao desejo? Isso é muito difícil de entender. Creio que agora se pode constatar: o gozo, o gozo parcial, é sempre autoerótico no sentido de que se goza no próprio corpo e não no corpo do outro, já que, se alguém crê nisso, trata-se de automatismo mental. Assim, goza-se no corpo próprio. Porém, deve-se pensar como é possível renunciar ao gozo que está à sua disposição: por exemplo, a masturbação, que é o exemplo clássico. Renunciar ao gozo autoerótico para buscar outros mais difíceis de conseguir do que o próprio pênis entre as pernas; quer dizer, como o gozo autoerótico pode aceitar ir em busca do desejo e entrar em sua metonímia infinita. Lacan diz: "O que faz o vínculo é o amor". Assim, o amor tem como termo intermediário um aspecto imaginário; há um engano do amor e também um engano do amor de transferência. Mas há, por outro lado, uma vinculação do amor com o real do gozo. Nesse ponto é tão difícil que se encontre estabelecida a "condição de amor" freudiana, a *Liebesbedingung*, com seus múltiplos aspectos. Primeiro, como desencadeador, tem um aspecto simbólico: é necessário um sistema, é necessária a presença de certos traços sistematizados. Segundo, tem um aspecto imaginário: é preciso a presença de uma imagem, de um espetáculo. E terceiro, tem também um aspecto de gozo: assegura o gozo, é uma modalidade de gozo. Portanto, creio que a condição de amor pode ser discutida nesses três níveis.

3. (*Pergunta sobre como o gozo autoerótico na histeria se engancha no desejo do Outro*).

O gozo, tal como se apresenta em Freud e em Lacan, é fundamentalmente o gozo do Um. O ponto de partida de Lacan foi a linguagem, foi a comunicação, foi o Outro; assim, a existência do Outro foi tomada como um axioma. É o texto "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise". No

entanto, sua tentativa final foi exatamente o contrário: tomar como ponto de partida o gozo mesmo, o gozo como gozo do Um, e se perguntar como o gozo do Um pode se relacionar com o desejo do Outro. Isso é o que dá a posição eminente à histeria na qual, por excelência - pode-se dizer - seu próprio gozo depende do desejo do Outro. Isso fornece um ponto de vista ao qual nós - os lacanianos ou os leitores de Lacan - geralmente não estamos acostumados. Estamos acostumados a sempre tomar o Outro como primário, como sempre é. No momento da inversão de seu ensino ele fez o contrário tomando um ponto de partida diferente, de certo modo, com o problema do que significa o gozo do Outro. O gozo do Outro é, em certo sentido, uma contradição nos termos. Por isso, diz que, ao não poder aceder ao gozo do Outro, tomamos o gozo de seu corpo como uma metáfora. É para entender porque existe a subjetivação de tomar o corpo do outro. Existe também a solução sadiana de cortá-lo... Quando se interpreta assim, é bastante misterioso.

4. (*Pergunta a propósito de Don Juan, sobre a diferença entre o "uma por uma" que fornece uma série infinita, e o "todo" que aparece como saturado*).

Em um mito como o de Don Juan existem várias possibilidades... Daí ele ser tomado como prova da série, como evidência da série, em oposição ao que seria o homem de "uma só". Mas desta vez eu o tomei de outra maneira, o tomei como exemplo de um homem que pode reconhecer cada mulher como desejável, isto é, como um "homossexual masculino das mulheres". Do mesmo modo que um homossexual masculino pode ser muito menos exigente a respeito do seu objeto de amor do que um heterossexual - essas são generalidades -, já que há uma abertura muito maior da escolha de objeto do que neste último. Em certo sentido, Don Juan atua com cada mulher como um homossexual masculino com os homens. É também por isso que há tantas

interpretações de Don Juan. A interpretação de que é homossexual - que me parece bastante estúpida como tal - ou que é um mito masculino de potência, ou que se trata de um mito feminino, etc. O mito é equívoco por tornar possíveis todos esses comentários: e se alguém recorre ao mito - era somente uma ilustração - é porque todos o conhecem e permite ilustrar um ponto. Cada vez que se faz uma alusão a um caso clínico é necessário contar a história, ao contrário do que ocorre com o mito; o "caso" Don Juan é um caso público porque já foi revelado por seu analista...

5. *(Pergunta sobre a diferença entre a perversão e a escolha homossexual de objeto).*

Se puder reformular a pergunta, seria se devemos traduzir imediatamente a homossexualidade em termos de perversão, isto é, a diferença entre perversão e escolha. É um fato que temos homossexuais em análise e que é preciso gerar neles um conflito. Propus - não essa noite, mas em meu curso - distinguir entre uma posição subjetiva no que diz respeito ao desejo e uma escolha de gozo. Trata-se, efetivamente, de um sujeito que se interroga sobre o que ele quer verdadeiramente, um sujeito que apresenta uma falta-a-ser evidente que o conduz à análise, porém, ao mesmo tempo, possui uma escolha fixada no objeto do mesmo sexo, ou seja, masculino. Assim, de um lado, há algo fixado e bastante difícil de mover e, de outro, toda uma busca e uma circulação significante. Estamos obrigados - essa é minha posição - a distinguir no mesmo sujeito sua posição em relação ao desejo como pergunta e a resposta que ele já tem sobre seu gozo; já que ele tem uma resposta de gozo muito clara e sabe, com uma segurança muito maior do que o heterossexual neurótico, onde ir buscar esse gozo. Conhece os lugares da cidade, conhece os signos e há nisso tudo um elemento de "segunda sociedade secreta", o que é bem sabido. Entretanto, por outro lado há uma dúvida, um

sofrimento, uma interrogação - pode-se dizer - perfeitamente neurótica. Se bem que, às vezes, há um pedido de análise por parte de um perverso verdadeiro - talvez pelo gosto *voyeurista* de ver um analista, escutar todas essas coisas tão interessantes e penetrar nos mecanismos do gozo do Outro -, não obstante não exista análise de um perverso verdadeiro, já que o sujeito suposto saber é ele. Ele é o sujeito suposto saber onde está o gozo, como o obtém, etc., e por isso entende o analista como um bobo... Quer dizer que a queda do sujeito suposto saber está na entrada. No entanto esse não é o caso dos homossexuais que se mantêm durante anos em análise e cuja posição subjetiva se modifica, ainda que a escolha de gozo continue. Portanto, estou totalmente de acordo em não tornar equivalentes, através de um diagnóstico precipitado, homossexualidade e perversão verdadeira. Já discutimos isso em Paris, e esses são tão somente os lineamentos que me permitem dar a vocês uma resposta - que não é completa - no sentido de que há, se podemos dizer - como chamá-lo? - uma "homossexualidade neurótica".

6. (*Pergunta sobre a afirmação de Lacan de que os homossexuais são curáveis*).

Não tenham medo em não concordarem com Lacan! Se essa expressão dita por Lacan uma vez nos anos cinquenta não lhe agrada, diga claramente que esses termos não lhe parecem adequados, pelo que você mesmo aprendeu com Lacan nos anos posteriores. Isso acontece muitas vezes. Porém também hoje, quando um homossexual vem com esse pedido, pode-se dizer o mesmo que Lacan dizia. Quando um homossexual considera sua homossexualidade como algo que ele mesmo gostaria que desaparecesse, mas é outra coisa quando vem para aceitar sua homossexualidade. Não se trata do mesmo problema; e o difícil para um analista é, precisamente nesse caso, não ter ideia de que há relação sexual. Porque é certo que há

uma diferença entre um analista que, mediante interpretações discretas, crê poder dirigir o homossexual em direção ao outro sexo, e um analista a quem isso não lhe parece o essencial. Não creio que se possa, na análise de um homossexual, assumir para ele, como ideal do tratamento, o acesso ao outro sexo. Não há nenhuma segurança de que o verdadeiro de seu desejo esteja nessa direção, e nisso devemos respeitá-lo. Ao mesmo tempo, e na medida em que o desejo é sempre o desejo do Outro, é verdade que a homossexualidade masculina é uma tentativa de ficar consigo mesmo e recusar o Outro, que sempre é - por excelência - feminino. Evidentemente há nisso uma questão sobre o final de análise. Não se trata somente de questões sobre a perversão, mas também sobre a neurose e, como eu o disse rapidamente, também sobre a psicose.

*Tradução: Marcia Mello de Lima*

---

1 "Una charla sobre el amor", intervenção no Simpósio do Campo freudiano em Buenos Aires, em 20 de julho de 1988, foi publicada primeiramente em *Clínica psicoanalítica: deseo y goce*, Fondo Editorial do Simpósio do Campo freudiano, com texto estabelecido por Leonardo Gorostiza. E depois, em Miller, J.-A. (2009[1988]). *Conferencias Porteñas: desde Lacan, (1)*. Buenos Aires: Paidós, pp. 229-251.

2 Freud, S. (1993[1921]). "Psicología de las masas y análisis del yo". In *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, vol. XVIII, pp. 67-68.

3 N.T. *Judith: uma tragédia em cinco atos* é um livro do dramaturgo e poeta alemão Christian Friedrich Hebbel (1813-1863), que dedicou boa parte de sua obra às tragédias femininas. A personagem Judith de Hebbel foi citada por Freud, S. (1993[1917]). "El tabú de la virgindad (Contribuciones a la psicología del amor, III)". *Op. cit.*, vol. XI, p. 202, para falar sobre a mulher que castra o homem que a deflorou.

4 Freud, S. (1993[1910]). "Sobre un tipo particular de elección de objeto en el hombre (Contribuciones a la psicología del amor, I)". *Op. cit.*, vol. XI, pp. 163-164.

5 Idem. (1993[1912]). "Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa (Contribuciones a la psicología del amor, II)". *Op. cit.*, vol. XI, pp. 174-177.

6 Lévi-Strauss, C. (1982[1908]). *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes.

7 Lacan, J. (2003[1967]). "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola". In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 248.

8 Freud, S. (1993[1910]). *Op. cit.*, p. 159.

9 Lacan, J. (1988[1959-1960]). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 86.

10 Freud, S. (1993[1917]). *Op. cit.*, p. 199.

- 
- 11 Idem. *Ibidem*.
- 12 Cf. Freud, S. (1993[1910]). *Op. cit.*, p.160.
- 13 Idem. (1993[1912]). *Op. cit.*, p. 176.
- 14 Lacan, J. (2003[1973]). "Televisão". *Op. cit.*, p. 538.
- 15 Idem. (1988[1959-1960]). *Op. cit.*, pp. 228, 275 e 278.
- 16 N.T. Trata-se das cinco cartas de amor redigidas por SÓror Mariana Alcoforado (1640-1723) - *Lettres Portugaises* - dirigidas a Noel de Chamilly, oficial francês que lutava em Portugal durante a guerra da restauração.
- 17 Lacan, J. (2005[1962-1963]). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 197.